

Discurso para a colação de grau.

É verdade que estamos reunidos hoje para celebrar a conclusão desses cursos, da graduação que cada um aqui fez durante os últimos anos. Para além disso, no entanto, gostaria de pensar no outro sentido da palavra “curso”, no curso que tem um rio e que significa tanto o caminho em si quanto o percorrer esse caminho. Mais do que as graduações oferecidas pela UEMS, portanto, vale pensar no curso individual que cada um correu durante esses anos de formação acadêmica.

Ora, um rio é determinado não só pela água que corre em seu leito, ou pela vida que abriga; o seu trajeto, as paisagens que atravessa, são determinantes na constituição do rio. Ao longo de nossa vida, passaremos por diferentes situações, lugares, pessoas, tudo isso amiúde vai, pedacinho a pedacinho, nos tornando exatamente quem somos no presente – porque no futuro já seremos outros. Pode-se dizer então, parafraseando Heráclito, que nunca encontramos a mesma pessoa duas vezes: cada momento é único e será determinante de outros inúmeros momentos únicos; o trajeto pessoal de cada um dentro desta instituição determinou-o tanto quanto à própria universidade que frequentamos. Daqui a alguns anos, podemos passar aqui em busca de um pouco de nostalgia e descobrir a nossa tão bem conhecida UEMS como outra, diferente daquela que recordamos. A UEMS que cursamos já não existe, e experimentamos um momento sem igual da sua história, assim como da história de cada um com quem cruzamos ao longo desse período.

Para todos que estão se formando hoje, olhar para os seus primeiros anos de graduação é lembrar da UEMS como aquela universidade pequenina, dividida entre a antiga Escola Estadual Irmã Bartira, no bairro Arnaldo Estevão de Figueiredo e a Escola Estadual Hércules Maymone, mas que independente da estrutura física, sempre teve um corpo docente bem qualificado e predisposto a nos auxiliar no que fosse preciso, professores que sempre fizeram com que, mesmo perante a insuficiência das instalações, a UEMS em Campo Grande fosse uma universidade que valia a pena ser cursada.

Enquanto formando do curso de Letras Espanhol, lembro-me muito bem dos corredores do Bartira, de quando não haviam sido construídas ainda as salas que ficavam à direita de quem entrava e muito menos o bloco que fica hoje atrás das outras salas; na ausência de cantina recorríamos ao “bolicho” da Dona Dilma, que tão bem nos serviu durante todo o tempo que por lá estivemos. Lembro-me dessa época ao mesmo tempo com indignação e carinho, do local tão pouco aprazível para uma instituição pública de ensino superior, mas onde conseguíamos tão facilmente encontrar qualquer professor, qualquer outro aluno, nos víamos todos com muito mais frequência do que hoje que temos essa bela sede – o que é inegável... Lembro-me de como só a palavra “Universidade” já parecia muito maior que o local em que nos encontrávamos – tanto o Bartira quanto o Hércules – e não é que de fato o era... pelo menos hoje, alguns anos depois, com a estrutura de que dispomos desde há cerca de oito meses, creio que possamos tranquilamente dizer que sim. E não consigo não ficar feliz ao pensar na UEMS de Campo Grande como era quando entramos e como ela está agora, no momento em que deixamos de ser graduandos.

É preciso, no entanto, não deixar que essa alegria nos ofusque os olhos para o que ainda há de ser conseguido aqui e muito menos que nos apague a memória, a trajetória histórica por detrás de cada palmo dessa sede.

A lei está posta de antemão apenas no papel e a passagem dela para a realidade deve ser construída coletivamente, principalmente pelas partes diretamente atingidas. Esse cabo de guerra contínuo entre ter um direito e desfrutá-lo não é como idealmente deveria ser, é mais que isso, é como a vida em sociedade de fato é.

Muitos dos que aqui estão se formando hoje sabem que sua história se entranha nas fundações desses prédios. Muitos de nós junto ao Movimento Acadêmico da UEMS – um coletivo de estudantes não institucionalizado – participamos de inúmeras reuniões, passeatas, assembleias, votações, fechamos ruas, gritamos palavras de ordem, fomos inclusive agredidos física e verbalmente por muitos que desacreditaram nossa luta; muitos do que estão aqui hoje foram militantes no sentido mais lato da palavra – não no sentido político partidário, mas no da política que é inerente ao homem em sociedade, no sentido grego da palavra, segundo o qual “político” é aquele se preocupa e cuida da “polis”, do meio em que se está inserido.

É impossível olhar pra essas salas, pra esse auditório, o auditório da UEMS, e não ver nisso tudo um pouco de nossas mãos, um fruto inclusive da greve acadêmica que resoluta e corajosamente sustentamos por cerca de dois meses devido justamente ao nosso descontentamento com as condições de infraestrutura em que nos encontrávamos até a metade do ano passado. Hoje, portanto, é impossível não ver como um grato prêmio o fato de sermos as primeiras turmas da UEMS de Campo Grande a colar grau no nosso próprio auditório.

E é claro que não posso deixar de citar nessa luta o apoio contínuo de muitos professores e seus ensinamentos e reflexões que extrapolaram e em muito as salas de aula e os conteúdos programáticos; um apoio que nunca esteve previsto em nenhum contrato de trabalho e ainda sim nos foi atenciosamente dispensado. Sem isso, muitos dos formandos aqui talvez não estivessem presentes ou, mesmo se estivessem, não seriam os mesmos, porque afinal de contas, quantos não foram os que deixaram de ser professores e passaram a ser amigos no sentido menos superficial e mais íntimo da palavra? Uma parceria que hoje vemos que inequivocamente deu certo.

Em nossas profissões e em nossas vidas como um todo, não devemos nunca esquecer ou subestimar o cabo de guerra entre os direitos e sua concretização e muito menos os afetos que conquistamos e que são quem nos ajuda a puxar o cabo, quem nos ajuda a ter vitórias pra contar; não devemos esquecer a luta, temos sempre de seguir na luta –, mas para que ela não se transforme numa guerra cega e autodestrutiva, é preciso sempre ter em mente que ela, em última instância, não é “contra” algo ou alguém; é sempre uma luta “a favor” de alguma coisa, de nós mesmos, de outras pessoas.

Essa trajetória inteira de embates individuais e coletivos é que constrói quem somos e, ao mesmo tempo, constrói também à sociedade à nossa volta, faz o nosso caminho e o nosso caminhar. Gostaria, então de finalizar dizendo que, apesar de estarmos “terminando um curso”, em relação ao curso das nossas vidas ele é só uma queda d’água, que já faz parte da gente, mas que nós mesmos, o rio, continua seguindo em frente, até bem depois do que se pode ver. Por enquanto, cabe ressaltar que a passagem desse momento do rio que é a cachoeira, o sairmos desse rebojo para seguirmos nos constituindo, já é com certeza mais uma vitória a ser contada e comemorada. Em nome de todos os formandos 2015 da UEMS Campo Grande, portanto, posso dizer: parabéns pra gente!

Gabriel Lima Leal

